# Considerações Finais

A mulher contemporânea foi construída a partir de rupturas com o silêncio, com a invisibilidade e submissão, que definiram o feminino ao longo dos séculos. Apesar de a maioria dos fatos e revoluções históricas não contemplarem a causa feminina como sua principal motivação, a mulher se ocupou, gradativamente de lugares que lhe permitiram o acesso a outras possibilidades para além do ambiente doméstico, do casamento e da maternidade. Este percurso, como vimos, não foi fácil visto que o papel da mulher no meio social sustenta a ideologia do poder masculino – patriarcal e divino.

Com base nas entrevistas realizadas, observamos que, em meio à multiplas formas de satisfação e fontes de realização possíveis, algumas mulheres na atualidade ainda desejam a maternidade e a consideram uma experiência positiva, recheada de afeto, amor e entrega na relação com os seus filhos. Ser mãe é gratificante para estas mulheres, na medida em que recebem e sentem a expressão do amor por parte de seus filhos e ainda quando percebem a criança em desenvolvimento, como fruto de seu ventre e uma extensão de si, uma continuidade.

Tal experiência, entretanto, é marcada também por conflitos visto que a mãe é exigida - pelo meio social e por ela mesma - a se responsabilizar pelos cuidados infantis, tarefa esta que pode afastar, ainda que momentaneamente, a mulher de seus outros objetos de satisfação e conforme vimos na pesquisa realizada. Nos primeiros meses, especialmente, as mulheres relatam intenso desgaste físico e emocional em virtude das necessidades do bebê, às quais precisam atender independente da sua vontade e de seu cansaço. A literatura das ciências humanas, especialmente o saber psicológico, situa a mãe em uma posição de dedicação ao bebê para que este se desenvolva com saúde física e psíquica. Estes discursos, difundidos pelos especialistas e integrados à cultura, muitas vezes não consideram as necessidades das mulheres contemporâneas, múltiplas em suas identidades e desejos. A responsabilidade do cuidado fica então concentrada na mulher, sendo fonte de conflitos.

As situações estressantes são elementos significativos no contexto da maternidade. São relatadas dificuldades em relação ao choro do bebê, seu padrão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

irregular de sono, doenças e ainda questões pertinentes à alimentação. Estas vivências, conforme a análise desenvolvida, são desgastantes, consomem a energia da mulher e ainda lhe causam instabilidade emocional. Sobre este último aspecto, destacamos ainda a percepção da amamentação como uma tarefa que remete ao ideal socialmente valorizado da boa maternidade e a angústia sentida pelas mulheres quando, por motivos diversos não conseguem ou não desejam realizá-la.

Verificamos que as redes de apoio são fundamentais para a mulher lidar satisfatoriamente com a maternidade. Nos primeiros meses, o suporte fornecido pelas avós e pelos pais proporcionam uma melhor experiência das situações estressantes e permitem que a mulher tenha alguns momentos para cuidar de si. Destacamos que este tempo, permitido à mulher, muitas vezes se limita ao tempo necessário para as suas necessidades básicas, como alimentação, sono e higiene pessoal.

Os desafios enfrentados pelas mulheres que entrevistamos vão além do período inicial, do nascimento aos primeiros meses. Observamos que o retorno às atividades profissionais marca outra etapa de ajustes e preocupações – quem fica com o filho enquanto a mãe trabalha? A preparação para este momento envolve a escolha de cuidadores não parentais, a adaptação das crianças à separação da mãe e o enfrentamento desta separação por parte da própria mulher. Há neste momento a mistura de sentimentos que compreendem a dificuldade de deixar o filho e o alívio, por voltar a ter uma vida para além de fraldas, leite e choro. O retorno ao trabalho é sentido por algumas entrevistadas como o momento de resgate de si, enquanto sujeito que produz e existe – conforme a lógica de produção e consumo que nos rege. O retorno ao trabalho representa o encontro com o trabalho valorizado e reconhecido socialmente, além de ser um encontro com a própria individualidade, um encontro com o próprio tempo e com os desejos, independentes da necessidade de uma criança. Entretanto, também identificamos no relato de uma das participantes o sofrimento promovido pela ruptura desta unidade com o bebê. No cerne da questão está a dificuldade de conciliar as múltiplas funções que as mulheres desejam desempenhar.

Com o fim da licença maternidade, a mulher, mãe e trabalhadora, precisa e conta ainda mais com o suporte das redes. Os resultados de nossa pesquisa apontam para a preferência pelas creches enquanto recurso utilizado pelas mães,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

para conciliar a carreira com a maternidade. Este tipo de serviço comporta uma série de atividades que estimulam o desenvolvimento infantil e não representam a entrada de outra mulher no ambiente doméstico. A escolha pelas creches profissionaliza o cuidado e também alivia as avós desta responsabilidade, que na percepção das entrevistadas não tem o dever de se ocupar com as demandas de uma criança pequena. Apesar das escolhas pelas instituições como principal recurso, as avós desempenham papel fundamental no suporte às suas filhas para que elas atuem no mercado de trabalho após o nascimento de seus netos.

A busca por igualdade entre os gêneros marca a constituição da mulher contemporânea após todo o percurso - e percalços - das transformações históricas e culturais. Entretanto, as mulheres são responsáveis pelo serviço doméstico visto que mesmo quando não o fazem - hoje, é possível essa condição de escolha para as mulheres de classe média - elas terceirizam o serviço para outra mulher, de classe social inferior.

A mulher contemporânea pode contar com recursos financeiro, que lhe permitem igualdade na administração da casa. Esta igualdade, entretanto, parece que ainda não se estabeleceu na divisão de tarefas domésticas e também é uma realidade distante quando se trata do cuidado com os filhos. Nossa pesquisa aponta par a sobrecarga feminina neste aspecto, visto que elas assumem a maior responsabilidade sobre os assuntos infantis e dedicam a maior parte do seu tempo livre, quando não estão trabalhando, para estar com as crianças. As mães ainda ficam em desvantagem no exercício da dupla jornada, embora os homens sejam mais participativos quando comparados aos sujeitos de décadas anteriores. Entretanto, cabe destacar que, muitas vezes, as próprias mulheres não delegam aos homens as tarefas referentes ao cuidado infantil, como se estes não fossem capazes de executá-las ou ainda como se elas entendessem que a mãe é a figura que melhor pode atender às necessidades do filho. Esta é uma representação da herança cultural, que naturaliza a função materna e determina um lugar para o feminino no interior do lar, ainda vigente no meio social e pertencente ao imaginário das próprias mulheres.

A autonomia feminina conquistada após séculos de submissão ao domínio dos homens – pai, marido e Deus – se expressa na atualidade quando observamos a autoria pelo desejo da maternidade. Ao mesmo tempo em que controlam o próprio corpo, através dos métodos contraceptivos, há o conflito com a natureza

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

em virtude do envelhecimento do aparelho reprodutor. Tal impasse pode ser problematizado em função da sobrecarga assumida pela mulher quando esta decide ser mãe. Se o cuidado infantil fosse administrado igualmente pelo par conjugal, a mulher não precisaria adiar a maternidade ou interromper projetos de desenvolvimento pessoal com a chegada dos filhos

A mulher conquistou o seu espaço no mercado de trabalho e no meio social, mas ainda carrega marcas que denotam discriminações entre os gêneros. Os salários inferiores, a prevalência em ocupações ligadas ao cuidado e os arranjos feitos pelas mulheres para comportar a maternidade, que podem implicar em perdas financeiras, são algumas das evidências encontradas no discurso de nossas entrevistadas.

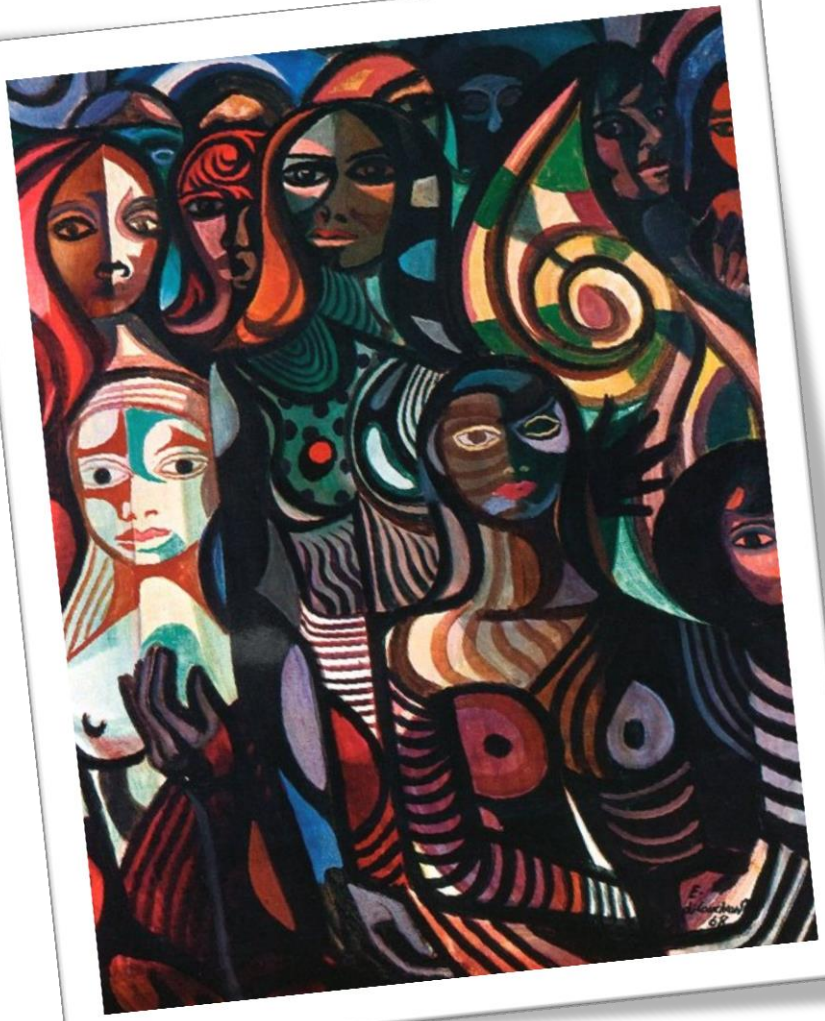
Ressaltamos, portanto, a importância de se afirmar as diferenças, não mais em função da oposição entre natureza e cultura, entre submissão e controle, mas a afirmação de um modo distinto de ser. É o Devir-Mulher de Deleuze que Krahe e Matos (2010) nos apresentam, não como uma forma estanque, um objetivo final onde se pretende chegar, mas como um processo de contínua transformação e, especialmente, de singularidade, de vir a ser. Para que isto aconteça é fundamental o acolhimento da mulher em sua especificidade, com seus conflitos, anseios, necessidades e sentimentos. Não encontramos muitos espaços para esta expressão na sociedade, que ainda exige da mulher ideal de mãe cuidadora e dedicada e também incuta uma ideologia de satisfação em tempo real, consumo e sucesso profissional, oposta à dimensão de doação ao outro. Nosso estudo nos faz refletir sobre a possibilidade de atuação da Psicologia junto à estas mulheres, não como um espaço de normatização da maternidade ou de ensino sobre a relação com o bebê, mas como forma de dar voz às questões femininas trazendo-as como protagonistas e problematizando o desafio de ser mulher, mãe e profissional na contemporaneidade. É preciso que o estudo sobre a temática seja continuado assim como se faz necessário realizar ações que favoreçam a integração destas identidades.

Concluímos que um dos atributos femininos na contemporaneidade é ser uma mulher de negócios. Não apenas porque participa do mercado de trabalho ativa e significativamente, mas especialmente por ser aquela que administra e busca os ganhos possíveis em um universo de aspirações. Em meio aos desejos,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

desafios, responsabilidades, reprodução e produção, a mulher equilibra família e carreira, elas negociam a multiplicidade, sempre.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA